

Sexto Empírico

*Charlotte Stough**

Sexto Empírico foi um cético grego da escola pirrônica e um médico praticante que viveu provavelmente durante a última metade do século II d.C. As datas exatas a seu respeito são controversas e os detalhes de sua vida praticamente desconhecidos de nós, contudo ele é a mais importante fonte de nosso conhecimento das filosofias céticas gregas antigas. As obras que chegaram até nós são as *Hipotiposes pirrônicas*, em três livros, que nos fornecem o próprio relato positivo de Sexto sobre o ceticismo pirrônico, e uma extensa obra em 11 livros, comumente referida coletivamente como *Contra os matemáticos*. Esta obra contém muito material semelhante ao encontrado nas *Hipotiposes*, mas ela também fornece argumentos céticos adicionais contra os filósofos dogmáticos assim como uma valiosa informação sobre as principais escolas filosóficas do período Helenístico. Parece que pouco do material filosófico nos escritos de Sexto é originalmente dele. Sabemos, por exemplo, que ele se valeu livremente do pensamento dos primeiros céticos pirrônicos, especialmente de Enesidemo no primeiro século a.C.

Sexto descreve o ceticismo como uma “filosofia” e um “modo de vida”, identificando igualmente um componente prático teórico e anti-teórico no ceticismo pirrônico. A aparência de paradoxo é verdadeira, pois o cético emprega o raciocínio teórico a fim de finalmente rejeitá-lo. O cético é um “investigador” acerca da verdade, mas, diferentemente de outros filósofos que Sexto classifica como dogmáticos ou como Acadêmicos, ele não alega ter descoberto a verdade nem diz que esta não pode ser descoberta (*H.P.*, I 3-4). O cético pirrônico, *na qualidade de* filósofo, justamente continua a investigar. O próprio Sexto vai além do papel de investigador ao apresentar uma abordagem teórica positiva e altamente sofisticada do ceticismo como um modo de vida em que a dimensão prática do ceticismo pirrônico permanece uma de suas mais importantes e distintivas características (Stough, 1984). A argumentação cética sempre tem um objetivo prático. Sexto compara os argumentos dos céticos com uma droga destinada a curar uma doença particularmente característica dos dogmáticos, que de forma evidente e acríica formula teorias sobre como as coisas realmente são (*H.P.* 280-1). A estratégia dos céticos é procurar curar esta inclinação patológica e, na verdade, quando adequadamente entendidos, seus próprios argumentos refutam-se a si mesmos juntamente com todo o resto. Os escritos de Sexto contêm argumentos elaborados e extensos que foram empregados contra todos os filósofos dogmáticos, mas principalmente contra os estóicos que defenderam vigorosamente um critério de verdade como o fundamento de seu sistema filosófico. O próprio cético, diz Sexto, inicialmente procura determinar a verdade ou falsidade de suas

* Artigo publicado in: Dancy, Jonathan e Sosa, Ernest (org.) *A Companion to Epistemology*. Blackwell Companion to Philosophy, 1997, pp.475-477. Tradução: Jaimir Conte

impressões das coisas num esforço para alcançar a *ataraxia*, o tranqüilo e imperturbável estado de espírito como o fim (*telos*) do ceticismo. Mas ao invés disso ele se depara com aparências contraditórias e argumentos de igual peso e credibilidade. Incapaz de decidir entre eles, adota uma atitude neutra, suspendendo o juízo sobre sua verdade ou falsidade (*epoché*), e encontra “como que por acaso” a *ataraxia* acompanhada “como uma sombra acompanha seu objeto” (*H.P.*, 1, 26). A narrativa de Sexto nos fornece um modelo para um método cético. O ceticismo é definido como a habilidade de produzir oposições entre aparências e juízos “de qualquer maneira que seja” como um meio de facilitar a atitude de não comprometimento, de nem afirmar nem negar qualquer coisa (*H.P.* 1, 8). Os céticos procuram contrabalançar as alegações contrárias dos dogmáticos uma contra as outras. A fim de fazer isso eles não encontram “nenhuma razão a mais” para preferir uma posição a outra. Os argumentos em apoio de teorias rivais são igualmente fortes, por isso igualmente persuasivas. Os pirrônicos, portanto, suspendem o juízo, não tomam uma posição sobre qual é verdadeira ou falsa.

Características do método cético são os “modos” (*tropoi*) do ceticismo pirrônico preservados pelos escritos de Sexto. Os modos céticos são modelos de argumentos destinados a induzir a suspensão do juízo. Os mais conhecidos dos vários diferentes grupos de modos são os Dez Modos da *Epoché* atribuídos a Enesidemo, que são desenvolvidos extensamente no primeiro livro das *Hipotiposes pirrônicas* de Sexto Empírico. Cada modo faz um uso particular do fato que as coisas nos “parecem” diferentes em diferentes situações. Como alguma coisa parece ser (gosto, cheiro, sensação, etc.) é determinado por dez fatores descritos pelos modos, tais como as condições que afetam o sujeito e o objeto e as circunstâncias em que o objeto aparece. Estas variações são invocadas para produzir “oposições”, que são expressas em proposições geralmente apontando aparências (propriedades) incompatíveis a um objeto. O cético então alega a *isostenia* das aparências e termina por suspender o juízo sobre como as coisas realmente são. Esquemáticamente o argumento é mais ou menos o seguinte (modificação de Annas e Barnes, 1985):

1. X parece a F numa situação $S1$.
2. x parece a F' numa situação $S2$.
3. Não temos nenhum critério (ou prova) independente de $S1$ e $S2$ para julgar entre F e F' .
4. Não podemos nem afirmar nem negar que x é realmente F ou F' .

F e F' representam oposições de aparências, predicados que na visão dos céticos não podem ser conjuntamente verdadeiros de um objeto. Num modo $S1$ e $S2$ variam nas posições ocupadas pelo perceptor. O mesmo barco parece pequeno e parado quando visto à distância, mas grande e em movimento de mais perto. Outro modo menciona os efeitos das várias circunstâncias ou condições que um sujeito pode ter quando um objeto é percebido. O ar que parece frio a uma pessoa velha parece brando a alguém jovem. Além disso, os modos apelam para as diferenças entre os sentidos, diferenças na quantidade e composição de um objeto, o efeito das misturas, o efeito da relatividade, e inúmeros outros fatores que

influenciam a maneira como as coisas nos aparecem. Dado que as oposições são igualmente equilibradas, as aparências são igualmente dignas de crédito. O cético, portanto, abstém-se de assentir e não afirma nem nega que X é realmente F ou F'. Como uma consequência da suspensão do juízo sobre como as coisas realmente são (todas estas questões sendo “não-evidentes” (*adela*) de acordo com o Sexto), o cético não sustenta crenças verdadeiras nem falsas. Sexto insiste, entretanto, em resposta às críticas, que o cético não é reduzido à inação, nem é forçado à inconsistência, devido à sua neutralidade em relação à crença (Frede, 1979; Burnyeat, 1980). O cético pirrônico admite as suas impressões das coisas e segue as aparências como um critério para agir na vida comum. Embora ele não sustente crenças, e não faça asserções sobre o que é ou não é, ele nunca questiona o fato de que as coisas lhe aparecem desta ou daquela maneira. Sua fala, que apenas relata como as coisas lhe aparecem, tem funções expressivas e reguladoras relativas apenas à ação (Stough, 1984). Sexto mantém que o cético pode seguir as aparências como um critério prático para os assuntos da vida cotidiana sem comprometer-se com quaisquer crenças ou afirmações sobre o que realmente é o caso.

Obras

Opera. 3 vols (Leipzig: Teubner, 1912-54). Vols I, 2, ed. H. Mutschmann (1912-14); vol. 3, ed. J. Mau (Indices, K. Janacek) (1954).

Works, 4 vols trad. R.G. Bury, Loeb Classical Library (London: William Heinemann, 1933-49): vol. 1, *Outlines of Pyrrhonism* (1933); vol. 2, *Against the Mathematicians* (1935); vol. 3, *Against the Physicists; Against the Ethicists* (1936); vol. 4, *Against the Professors* (1949).

Bibliografia

- Annas, J. and Barnes, J.: *The Modes of Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press, 1985).
- Barnes, J.: “The beliefs of a Pyrrhonist”, *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 29 (1982), 1-29 e *Elenchos* 4 (1983), 5-43.
- Brochard, V.: *Les Sceptiques grecs* (Paris: F. Alcan, 1887); 2ª ed. reimpressa (Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1959).
- Burnyeat, M.: “Can the sceptic live his scepticism?”, in *Doubt and Dogmatism*. M. Scho-Field, M. Burnyeat e J. Barnes (ed.) (Oxford: Clarendon Press, 1980), 20-53.
- Frede, M.: “Des sceptikers Meinungen”, *Neue Hefte für Philosophie* 15/16 (1979), 102-29.
- Long, A.: “Sextus Empiricus on the criterion of truth”, *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 25 (1978), 35-49.
- Stough, C.: *Greek Scepticism* (Berkeley: University of California Press, 1969).
- Stough, C.: “Sextus Empiricus on non-assertion”, *Phronesis* 29 (1984), 137-64.
- Stough, C.: “Knowledge and belief”. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 5 (1987), 217- 34.
- Striker, G.: “The ten tropes of Aenesidemus”, in *The Sceptical Tradition*. M. Burnyeat (ed.) (Berkeley: University of California Press, 1983)- 95-115